

Propaganda e Teoria da Conspiração: Comunicação Neofascista no Brasil em Tempos de Crise do Capitalismo¹

Carlos FIGUEIREDO²
Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, SE

RESUMO

O trabalho objetiva demonstrar como a comunicação política nos grupos bolsonaristas do aplicativo Telegram são parte de um ecossistema comunicacional neofascista. Partimos, assim, do conceito de informação enquanto forma social da Economia Política da Comunicação (EPC) brasileira. Demonstraremos que o fascismo e sua comunicação são formas sociais próprias das crises globais do capitalismo. Em seguida discutiremos a crise de 2008 e seus aspectos comunicacionais como o uso de teorias da conspiração enquanto propaganda. Como estudo de caso, analisaremos - a partir do arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso - o discurso decorrente das interações em dois grupos bolsonaristas no Telegram entre o dia primeiro de janeiro, posse do Presidente Lula, e o dia 9 de janeiro; quando militantes de extrema-direita invadiram as sedes dos três poderes da república.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação; Teorias da Conspiração; Propaganda; Crise do Capitalismo; Fascismo

INTRODUÇÃO

O Brasil acompanhou pela televisão e redes sociais a invasão das sedes dos três poderes da República, no dia 8 de janeiro de 2023, realizada por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Acampados em frente a quartéis das Forças Armadas na noite de 31 de outubro de 2022 – logo após à votação de segundo turno das eleições presidenciais no Brasil - apoiadores de Bolsonaro fecharam estradas, organizaram acampamentos financiados por empresários e chegaram a tentar organizar atos terroristas impedidos pelas Forças de Segurança. Ao mesmo tempo, em que tais ações eram perpetradas nas ruas pelos apoiadores do então presidente derrotado nas urnas, parte da burocracia estatal civil e militar de alto escalão organizava um golpe nos âmbitos jurídico e militar para reverter o resultado das urnas.

Os grupos bolsonaristas do aplicativo Telegram foram um local privilegiado para a reprodução do discurso bolsonarista usado na propaganda de agitação para as

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor permanente do mestrado profissional em Economia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

manifestações golpistas de 8 de janeiro de 2023. É parte importantíssima do que nomeamos provisoriamente ecossistema midiático bolsonarista. A propaganda bolsonarista possui uma parte visível e aberta que pode ser encontrada nas redes sociais ou canais de televisão – CNN Brasil, Jovem Pan News, Record, em diferentes graus apoiavam a extrema-direita bolsonarista através de comentaristas alinhados a esse ideário ou transmitindo programas inteiros que seguiam esse enquadramento.

As redes sociais também possuem diferentes agentes sociais alinhados à ideologia bolsonarista fossem políticos, jornalistas, influencers, políticos ou o próprio presidente Bolsonaro que realizava lives semanais cujo objetivo era criar a sensação de contato direto entre o presidente e seus eleitores (FECHINE E DEMURU, 2020). Além disso, nesse ecossistema, há sites que emulam o conteúdo noticioso, propagando desinformação, ou publicam notícias verdadeiras a partir do enquadramento bolsonarista. Geralmente esses sites oferecem uma mescla dos dois tipos de conteúdos. Os grupos do aplicativo Telegram são o espaço para os bolsonaristas mais radicalizados que chegam até essas comunidades a partir de conteúdos bolsonaristas disponibilizados de maneira mais aberta em outras plataformas.

Esse trabalho considera o bolsonarismo uma forma política neofascista já que usamos o termo fascismo não apenas para nomear o fenômeno histórico surgido principalmente na Europa do período entreguerras, mas também a forma política própria das crises do capitalismo. As crises globais do capitalismo se tornam crises de sociabilidade, portanto uma crise geral da forma capital costuma se espalhar para outras formas sociais como a política, a comunicação etc. Guardada as diferenças históricas e devidas proporções, a comunicação bolsonarista se assemelha em vários pontos à comunicação fascista vigente em países da Europa do entreguerras até o fim da segunda mundial (FINCHELSTEIN, 2022). Portanto, expressões políticas neofascistas que ascenderam recentemente ao poder ou ganham apoio popular expressivo são um desdobramento da crise global do capitalismo iniciada em 2008.

Partimos do marco teórico da Economia Política da Comunicação (EPC), mais precisamente da EPC brasileira para darmos conta das relações entre a crise do capital, forma política, forma comunicação e as relações com a propaganda neofascista praticada nos grupos bolsonaristas. Em seguida, analisamos o discurso que circulou nos grupos bolsonaristas entre 1 de janeiro – dia da posse do presidente Lula – e 9 de janeiro de 2023, um dia após a invasão das sedes dos três poderes da República por

manifestantes bolsonaristas. Para analisarmos o discurso dos manifestantes, utilizamos a teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD), principalmente as teorias do teórico Teun Van Dijk (1999). Além de trabalhar com conceitos caros ao arsenal teórico da EPC, como ideologia e hegemonia, o autor trata o discurso como instância de reprodução da ideologia construída a partir da interação interpessoal que atua na cognição dos indivíduos de determinados grupos. Para Van Dijk, as ideologias fornecem mapas mentais, *scripts* e representações sociais a partir dos quais os indivíduos apreendem a realidade. O corpus analisado é composto de *printscreens* captados durante observação das interações ocorridas de dois grupos bolsonaristas: Artigo 1º da Constituição e Forças Armadas SOS

CRISE, NEOFASCISMO E COMUNICAÇÃO

É preciso pontuar que o Bolsonarismo é uma modalidade de política neofascista. Essa constatação não advém apenas de similaridades entre as características de ações bolsonaristas e aquelas do fascismo clássico (KONDER, 2009) - como a criação de inimigos imaginários, principalmente entre as minorias como a população LGBTQI+, feministas, esquerdistas etc., conservadorismo extremado, autoritarismo político, ode à violência política - e de uso subliminar de simbologia nazista por apoiadores e membros do primeiro escalão do governo. O bolsonarismo, assim como o trumpismo, são expressões políticas da crise do capitalismo que irrompeu em 2008. Entendemos esses movimentos políticos como expressão de uma forma social derivada do capital em período de crise do capitalismo, assim como Pachukanis (2020) aponta os fascismos alemão e italiano dos anos 20 e 30 como expressão política das turbulências pelas quais o sistema capitalista passava naquele momento. “Formas sociais são modos relacionais constituintes das interações sociais, objetificando-as. Trata-se de um processo de mútua imbricação: as formas sociais advêm das relações sociais, mas acabam por ser suas balizas necessárias” (MASCARO, 2013, p.20-21).

Da mesma forma que o Estado é encarado pela escola alemã da derivação como uma forma social derivada da mercadoria - utilizando a lógica aplicada por Marx em O Capital para chegar formas como o dinheiro e o capital -, Bolaño (2000) entende a informação e a comunicação como formas derivadas da mercadoria. Dessa forma, no capitalismo monopolista, a informação produzida pela indústria cultural apresenta duas funções: a função propaganda, responsável pelas mediações entre o mundo da vida e o

Estado, e a função publicidade, cujo objetivo é realizar as mediações entre o mundo da vida e o mercado. Pelo fato de a comunicação no capitalismo se apresentar às audiências como persuasão, uma terceira função seria necessária com objetivo de incorporar as demandas apresentadas pelo mundo da vida à estrutura mediadora: a função programa. Com o advento da Internet, surge uma forma ainda mais potente de colonização do mundo da vida, proporcionada pela coleta de dados de usuários da plataformas digitais: a função interação (FIGUEIREDO e BOLAÑO, 2017).

A comunicação Bolsonarista utiliza táticas de propaganda muito próximas àquelas utilizadas pela comunicação nazista como teorias da conspiração e desinformação (FINCHELSTEIN, 2002; BASTOS, FIGUEIREDO e SCHNEIDER, 2022). Isso acontece porque crises globais do sistema capitalista podem se apresentar como crises de sociabilidade, pois estas se espraiam para outras formas sociais derivadas da mercadoria. Por isso observamos fenômenos como ascensão de governos autoritários, crises de sociabilidade, disseminação de desinformação.

Esses fenômenos mostram que “as crises nunca são exclusivamente econômicas, mas que sempre são crises sociais e políticas. Isto vale em particular para as ‘crises gerais do mercado mundial’ (ALTVATER, 1987, p. 83). Dessa forma, o entendimento dessa crise deve considerar a totalidade do fenômeno. Assim devemos considerar que uma teoria econômica da crise é insuficiente já que pode excluir seu caráter social, todavia, devido ao predomínio estrutural do processo econômico na sociedade capitalista, “as crises efetivamente são geradas, antes de mais nada, no plano da economia”, e, portanto, “a análise marxiana da crise volta-se essencialmente para determinar alguns momentos do aguçamento das contradições econômicas” (ALTVATER, 1987, p.84).

Isso não quer dizer que a desinformação seja uma tática utilizada apenas em períodos de crises e por expressões políticas próprias desses períodos. Em momentos decisivos para o sistema e em crises políticas e econômicas localizadas, os meios de comunicação de massa são pródigos em utilizar tal prática como atestam Chomsky e Herman (2002). Também é bom lembrar a impossibilidade de transpor determinadas características da política e da comunicação fascistas clássicas para o momento atual. Pois, como Marx (2003, p.15) nos lembra, a história se repete duas vezes: “a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. As manifestações da crise na forma comunicação apresentam “conteúdo diferente daquele observado nas grandes guerras

mundiais. A mercantilização da informação e a colonização do cotidiano pelas redes sociais impõem outro conteúdo à crise.” (FIGUEIREDO, 2020, p. 243)

A crise de 2008 fortaleceu uma lógica de aumento da desigualdade que vem desde o fim regime de acumulação fordista. Por outro lado, a esquerda, onde assumiu o poder, ou continuou as políticas neoliberais de partidos de direita, como na Inglaterra com o New Labour na década de 1990, ou promoveu uma cidadania prioritariamente a partir do consumo, fortalecendo assim o individualismo neoliberal, e evitando tocar em questões estruturais tais como tributação regressiva, qualidade dos serviços públicos etc., como aconteceu na chamada “onda rosa” onde governos de esquerda latino-americanos acabam optando por um reformismo fraco no começo do século XXI.

Dessa forma, a esquerda acaba por ser enxergada como parte do “sistema” por uma população que ocupa postos de trabalhos cada vez mais precarizados e uma classe média em vias de desaparecimento. Esse é o caldo em que surge a guerra informacional na internet. Uma direita radicalizada consegue impor a narrativa de que governos reformistas de esquerda, os chamados “movimentos identitários” - na verdade movimentos que lutam por igualdade racial e de gênero -, os meios de comunicação e acadêmicos das ciências humanas seriam parte de uma grande conspiração comunista.

Para vencer a batalha da comunicação, a extrema-direita se aproveitou de anos de construção de subjetividade neoliberal, que defende um individualismo radical e ausência de qualquer ideia de bem-estar social promovido pelo Estado, da revolta de setores que se sentiram abandonados, como a classe média pauperizada; e de um novo ambiente em que a comunicação é personalizada conforme os dados dos usuários. Está vencendo uma disputa que começou como uma guerra subterrânea (FIGUEIREDO, 2019) nos confins da internet, mas que toma contornos de guerra de trincheiras (GRAMSCI, 2012) com o avanço, no interior da sociedade civil, de ideias absurdas e impensáveis há alguns anos. A extrema-direita veste a fantasia de antissistema e organiza a revolta, restando à grande parte da esquerda defender os escombros do regime de acumulação flexível.

DISCURSO E INTERAÇÃO NOS GRUPOS BOLSONARISTAS

Começamos nossa análise no dia 01 de janeiro de 2023, data da posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva. A tentativa de golpe de Estado ocorrida no 08 de janeiro de 2023 com ataques às sedes dos três poderes é a culminância de um processo

de desgaste das instituições do sistema democrático brasileiro que remontam, pelo menos, ao Lawfare praticado pela Operação Lava-Jato a partir de 2014. Poderíamos fazer um recorte ainda menor se pesquisássemos e analisássemos os discursos realizados nos grupos bolsonaristas a partir do início da campanha eleitoral de 2022 ou, sendo ainda mais realistas, a partir da confirmação da vitória eleitoral no segundo turno do presidente Lula na noite de 31 de outubro de 2022.

Entretanto, tal análise não cabe nos limites propostos para artigos a serem publicados nos anais da Intercom. Optamos, por isso, por analisar os discursos resultantes das interações em grupos bolsonaristas a partir do dia 1º de janeiro - dia da posse presidencial - até o dia 9 de janeiro de 2023, um dia após os ataques de militantes bolsonaristas aos prédios localizados na praça dos três poderes. Analisamos dois grupos do aplicativo russo Telegram: Artigo 1º da Constituição e Forças Armadas SOS, depois renomeado como Verde Oliva. Renomear os grupos era uma tática adota pelos administradores desses grupos para supostamente evitar que fossem encontrados pelos moderadores do aplicativo e fechados por ordem do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Para dar conta da nossa análise utilizaremos o marco teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), principalmente a partir da obra de Teun Van Dijk (1999) devido ao fato desse autor enfatizar as ligações entre sociedade, conexão e discurso para explicar a reprodução de ideologias. Dijk (1999), por exemplo, faz um estudo sobre a reprodução das ideologias baseado em um esquema que repousa no triângulo Cognição, Sociedade e Discurso. As ideologias não “seriam apenas conjuntos de crenças socialmente compartilhadas, por grupos. Estas crenças são adquiridas, utilizadas e modificadas em situações sociais, e sobre a base dos interesses sociais dos grupos e as relações sociais dos grupos em estruturas sociais complexas.” (Dijk, 1999, p.175).

Para Dijk (1999, p.76), as ideologias além de estarem em disputa teriam no discurso seu principal meio de difusão, teriam uma dimensão institucional e organizacional, assim para este estudioso o papel da política, da educação e dos meios de comunicação deveriam ser alvo de uma análise social. As ideologias se reproduziriam também por atuar na cognição dos indivíduos, pois ao oferecerem representações sociais de que o como mundo deveria ser, impõem padrões que serão usados como estoques de significados no processamento de informação.

Nossa análise começa apontando as matrizes do discurso bolsonarista a partir do conceito de matriz discursiva de Eder Sader. O autor cunhou o conceito para traçar a

origem do discurso dos Novos Movimentos Sociais Populares, surgidos no bojo do processo de redemocratização brasileira na década de 1980. “As matrizes discursivas devem ser, pois, entendidas como modos de abordagem da realidade, que implicam diversas atribuições de significado. (SADER, 1987, 142-143). Os grupos bolsonaristas não são simples grupos virtuais, são um local onde o bolsonarismo é produzido e reproduzido, pois como lembra Sader (1987, 143), as matrizes culturais não são meras ideias, pois “dependem de lugares e práticas materiais de onde são emitidas as falas”. O Bolsonarismo apresenta três matrizes discursivas: militarismo, conservadorismo e liberalismo.

O militarismo, durante o período pesquisado, é a matriz discursiva mais proeminente. Isso se deve ao fato de que os integrantes dos grupos bolsonaristas esperavam que as Forças Armadas intervissem para anular a eleição presidencial, considerada uma fraude entre essas pessoas. Os militares mesmos aliados do poder após as eleições indiretas de 1985, sempre assombraram o regime democrático brasileiro como aponta Zaverucha (2000). Ao mesmo tempo, as Forças Armadas se ressentiam de terem “voltado à caserna” e abandonado a política palaciana que passara a ser assunto civil. A Comissão da Verdade, instalada durante o governo Dilma Rousseff (2010-2016) para investigar crimes cometidos pelo Estado durante a ditadura militar teria sido o gatilho para que os militares passassem a se envolver ativamente na política partidária. Além de Bolsonaro ser capitão reformado do Exército, seu vice-presidente era o General Hamilton Mourão. Era comum encontrarmos, nos grupos, odes ao golpe civil-militar de 1964 e revisionismo histórico em relação ao apoio popular aos militares naquela ocasião. Os militares eram descritos como heróis que nos livrariam do comunismo e como um poder moderador investido de poder constitucional para intervir nos três poderes da República em uma interpretação equivocada do artigo 142 da constituição brasileira.

A segunda matriz do discurso bolsonarista é o conservadorismo. O conservadorismo bolsonarista é fortemente religioso, sendo essa sua principal característica. Dentro dessa matriz, também se encontram discursos marcadamente misóginos e homofóbicos. Um segundo elemento organizador do conservadorismo bolsonarista é o que poder ser chamado Olavismo, as ideias defendidas pelo filósofo Olavo de Carvalho, falecido em 24 de janeiro de 2022. Considerado, por Benjamin

Teitelbaum (2020), um tradicionalista³ - vertente mística do conservadorismo -, Carvalho se auto-exilou na cidade de Richmond, no estado norte-americano da Virgínia. As ideias olavistas costumam ressurgir nos grupos em períodos de crises como a posse Lula, geralmente por suas críticas aos militares e a defesa de que o povo teria que se insurgir contra o governo. A opção por usar o conservadorismo como ideologia guarda-chuva se dá pelo fato de que a religiosidade, olavismo, homofobia, anticomunismo, racismo em relação a negros e índios, machismo etc. serem expressões do conservadorismo autoritário bolsonarista.

A última matriz discursiva do discurso bolsonarista é o liberalismo. Bolsonaro se apresentava como defensor do desenvolvimentismo conservador aplicado pelos governos militares e responsável pelo chamado “Milagre Econômico” da década de 1970. Seu apreço pelo intervencionismo estatal aplicado pelos militares e sua aversão a políticas neoliberais como a privatização de empresas públicas eram encarados como um entrave a seu crescimento eleitoral entre o eleitorado de direita em 2018. Todavia, Bolsonaro, buscando tornar-se mais palatável a setores mais amplos do eleitorado, é convencido por assessores a convidar o economista ultraliberal Paulo Guedes (OYAMA, 2020). Estava assim organizada uma aliança entre conservadores e liberais (ROCHA, 2021), que levou Bolsonaro à vitória nas eleições presidenciais de 2018. Com esse movimento, Bolsonaro conseguiu a simpatia de amplos setores dos meios de comunicação, já que a candidatura de Geraldo Alckmin, candidato de centro-direita pelo PSDB, não decolava. Na verdade, o discurso liberal é uma matriz discursiva pouco frequente nos grupos bolsonaristas durante o período pesquisado. Seja pelo fato de ser um discurso incorporado tardiamente ao bolsonarismo, seja por ser um discurso dirigido a um público mais amplo que aquele formado por bolsonaristas radicalizados. Além disso, a pauta econômica não era a principal preocupação dos bolsonaristas que faziam parte dos grupos do aplicativo Telegram.

MEDO E DELÍRIO: A POSSE FALSA DE LULA

Os grupos bolsonaristas no aplicativo Telegram ganharam impulso depois das restrições impostas pelo TSE aos disparos em massa no aplicativo Whatsapp depois da

³Teitelbaum considera que Olavo de Carvalho, o americano Steven Bannon e o filósofo Alexandr Dugin são representantes de uma vertente do pensamento chamada tradicionalismo organizada a partir de uma visão mística e conservadora de mundo baseada nos escritos do francês René Guenon e do italiano Julius Evola.

eleição de 2018. O Whatsapp teve papel proeminente na difusão de propaganda bolsonarista baseada em desinformação (PANHO, BASTOS E SILVA, 2020), contando com apoio empresarial para seu funcionamento. Após a eleição de 2018, a campanha eleitoral permanente de Bolsonaro continuou a funcionar no Telegram em vários grupos. O TSE tentou, durante as eleições, fechar vários grupos bolsonaristas no aplicativo, mas logo em seguida surgiam outros para tomar o seu lugar. Muitos conteúdos e seus respectivos discursos circulam em vários grupos. Alguns grupos possuem um controle mais estrito sobre o discurso circulante, mostrando uma administração mais profissional. É o caso, por exemplo, do grupo Artigo 1º da Constituição cujo administrador costuma fechar o grupo para mensagens apenas dos administradores quando começam a circular discursos que possam colocar em cheque o credo bolsonarista ainda que esses discursos não sejam de esquerda ou progressistas.

O primeiro período da nossa análise vai do dia 1º de janeiro até o dia 03 de janeiro. É um período de dúvida e fértil em hipóteses conspiratórias. Três conspirações circulavam nos grupos: 1) o presidente de fato e direito não seria Lula, mas o chefe do Gabinete de Segurança Institucional do governo Bolsonaro, General Heleno, 2) o discurso do General Mourão, vice-presidente no governo Bolsonaro e presidente em exercício após a viagem de Bolsonaro para os EUA antes do fim do seu governo e 3) a posse de Lula teria sido falsa, uma simulação dos militares, que o prenderiam por ter fraudado as eleições de 2022.

A primeira teoria da conspiração teria surgido após a assinatura de vários decretos assinados por Bolsonaro e Mourão durante o fim do governo. Esses decretos exoneravam vários funcionários de confiança do governo Bolsonaro - dando providência para a posse de funcionários do novo governo -, e publicados no Diário Oficial da União (DOU). Os membros dos grupos interpretavam a assinatura desses decretos como uma tática de Bolsonaro que teria viajado para os EUA e deixado militares de confiança para tomarem o poder constitucionalmente – segundo a interpretação bolsonarista – e impedir Lula de governar, prendendo-o.

Já o discurso de Mourão em rede nacional de rádio e televisão – transmitido no dia 31 - no dia fora interpretado como crítico ao comportamento de Bolsonaro, que mantivera silêncio e não reconheceu a derrota eleitoral enquanto seus apoiadores clamavam por intervenção militar em frente a quartéis das Forças Armadas. Mas para os participantes dos grupos bolsonaristas, havia recados ocultos nas entrelinhas que

asseguravam que as Forças Armadas evitariam a posse de Lula. Por fim, a posse de Lula ocorrida no dia 1º de Janeiro teria sido uma farsa. Os bolsonaristas nos grupos apontavam que a faixa presidencial e o livro em que Lula assina o termo de posse seriam falsos e, além disso, os militares que compunham os Dragões da Independência – unidade do Exército Brasileiro responsável pela segurança das instalações da presidência da República – seriam atores e não militares reais.

Alguns elementos do discurso bolsonarista podem ser destacados. A ênfase no papel heroico dos militares e de Bolsonaro – ele mesmo um militar reformado – e a necessidade de ter fé. Deus está do lado do bem, dos bolsonaristas. Por fim, Bolsonaro e os militares são tidos como estrategistas políticos do mais alto calibre, o que impedia os próprios membros dos grupos de entenderem os movimentos do “xadrez político” jogado por esses agentes. Claro que há, nos grupos, críticos de Mourão e dos militares, que teriam abandonado Bolsonaro e por isso seriam melancias – verdes por fora e vermelhos por dentro. Esse discurso pode ser evidenciado nas conversações exibidas nos *printscreens* capturados no grupo Artigo 1º da Constituição no dia 1º de Janeiro.

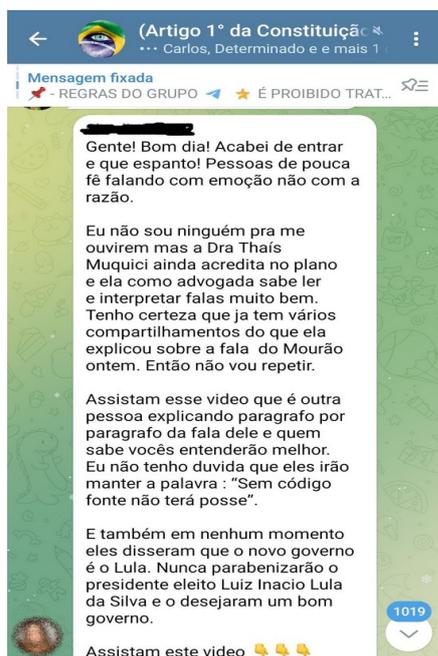


Figura 1: Defesa dos Militares
Fonte: Captura feita pelo autor

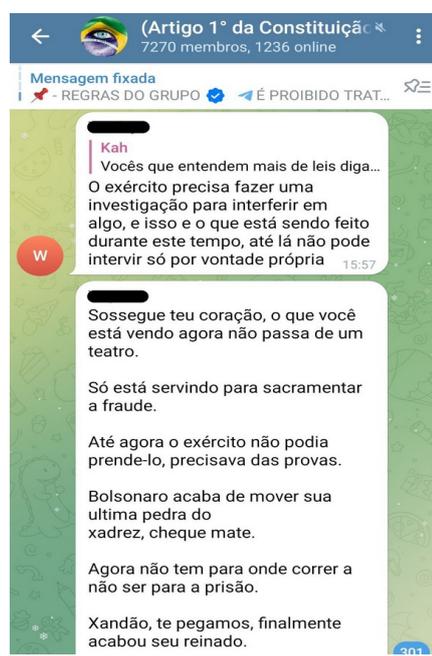


Figura 2: Xeque-Mate Fonte: Captura feita pelo autor

O PODER EMANA DO POVO BOLSONARISTA

Uma vez que Lula toma posse, alguns membros dos grupos começam a duvidar das teorias da conspiração que circulavam nesses espaços, e clamam por medidas concretas. Logo surgem algumas ideias como impedir a circulação de combustíveis

através da invasão de refinarias para paralisar o país ou invasão Brasília e a sede dos três poderes, entre outras ideias. Durante toda a semana entre a posse do presidente Lula e a invasão das sedes dos três poderes, há um processo de radicalização. Os bolsonaristas acreditavam que as Forças Armadas e Bolsonaro já teriam preparado o terreno para a ação do “povo” que teria ido enganado pelo “sistema” formado por agentes como – nesse caso o Tribunal Superior Eleitoral –, os partidos de esquerda, os meios de comunicação e até mesmo a China. Agora, seria a hora da estratégia olavista de insurreição popular. Durante a semana, a invasão deixa de ser uma conjectura e começa a tomar forma com organização de recursos como doações para aluguel de ônibus para Brasília, mantimentos e água, além de dicas para evitar os efeitos de gás lacrimogênio.

O discurso antissistema da direita atinge os repertórios de protestos utilizados pelos bolsonaristas, ou seja, as práticas sociais dos manifestantes presentes nos grupos. Se antes, bolsonaristas e manifestantes de direita faziam questão de se intitularem como ordeiros e contra quebradeiras ou desobediência civil, o tom é que dessa vez estariam autorizados uma vez que as eleições no Brasil teriam sido fraudadas. Ainda que existam discursos defendendo a ordem nas manifestações, a ideia dominante era de que apenas a desobediência civil traria resultados. Há indicações feitas por administradores dos grupos Artigo 1º da Constituição e Forças Armadas SOS, já no dia 05 de janeiro, de que os manifestantes bolsonaristas deveriam se concentrar na praça dos três poderes onde estão localizadas as sedes do executivo, legislativo e judiciário. O fato de administradores dos grupos apresentarem esses conselhos aponta para uma certa concertação entre os grupos no sentido de que conteúdo deve ser destacado nas horas decisivas. Há também um tom triunfalista na fala, por exemplo, do administrador do grupo Verde Oliva ao ministro da Justiça Flávio Dino, pois Brasília “vai lotar de manifestantes de toda parte do nosso Brasil”



Figura 5: Praça dos Três Poderes
Fonte: Captura feita pelo autor

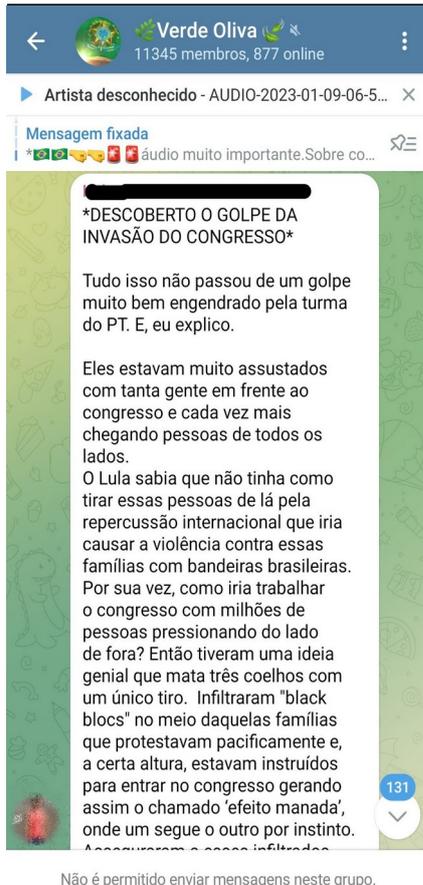


Figura 4: Praça dos Três Poderes
Fonte: Captura feita pelo Autor



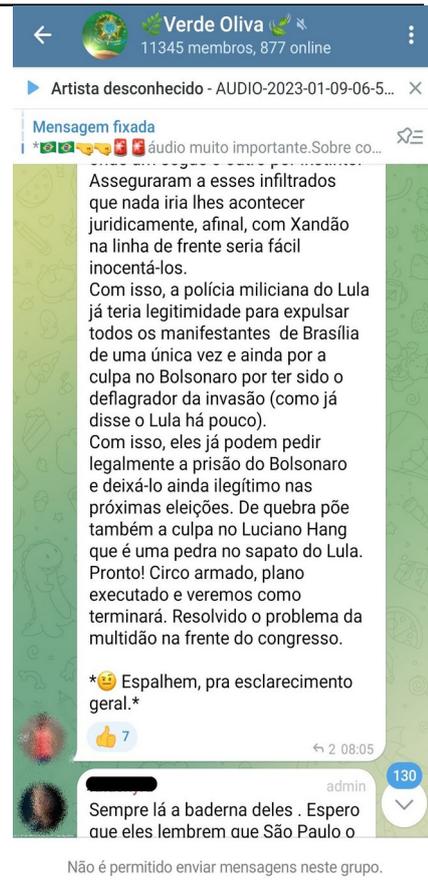
Figura 3: Desafio a Dino
Fonte: Captura do autor

No dia 8 de janeiro, bolsonaristas invadem as sedes dos três poderes depredando o interior dos prédios. Falhas de segurança do governo do Distrito Federal foram detectadas, e o governo federal nomeou um interventor para o Distrito Federal, afastando seu governador Ibaneis Rocha. O secretário de Segurança do Distrito Federal era Anderson Torres, ex-ministro da Justiça do Governo Bolsonaro, atualmente investigado como um dos mentores das operações de bloqueio a estradas federais realizadas pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) em estados do Nordeste, onde há número expressivo de eleitores do presidente Lula. O bloqueio teria como objetivo impedir que eleitores de Lula chegassem a seus locais de votação. Anderson Torres se encontrava fora de Brasília no dia da invasão às sedes dos três poderes.



Não é permitido enviar mensagens neste grupo.

Figura 6: Infiltrados
Fonte: Capturado pelo autor



Não é permitido enviar mensagens neste grupo.

Figura 7: Infiltrados
Fonte: Capturado pelo autor

Após o fiasco das manifestações e da tentativa de golpe de Estado desastrosa, bolsonaristas culpam esquerdistas e petistas que teriam se infiltrado nas manifestações. Mais uma vez dois dos grupos pesquisados são fechados diante dos conflitos nas interações que surgem entre os membros.

CONCLUSÃO

A análise empreendida nesse texto demonstra a partir do método materialista-histórico que o bolsonarismo deve ser encarado como uma forma política neofascista, e a análise de sua comunicação deve ser derivar dessa constatação teórica. Retomando Engels (2008), a metodologia do materialismo-histórico é simultaneamente lógica e histórica. O neofascismo bolsonarista não pode ser exatamente igual ao fascismo clássico surgido na primeira metade do século XX. Todavia, apesar de o conteúdo dessas formas políticas diferirem, suas origens são as crises, e, claro, há semelhanças entre algumas características. Da mesma forma, a comunicação bolsonarista como

forma derivada da mercadoria em tempos de crise pode ser comparada à comunicação do fascismo clássico.

A análise do discurso bolsonarista nos grupos do Telegram mostram que a propaganda desse grupo político possui elementos da propaganda do fascismo clássico como o militarismo, o culto ao líder, autoritarismo, repúdio à diferença e conservadorismo extremado. O uso de plataformas digitais que usam a interação dos usuários para coletar dados e oferecer conteúdo personalizado é importante na difusão da ideologia bolsonarista por dois motivos: permite capturar a atenção daqueles indivíduos propensos a se identificar com sua propaganda e, (2) quando os indivíduos mais radicalizados chegam aos grupos de Telegram entram em uma bolha ideológica que reforça suas ideias, radicalizando-as mais ainda. Nos grupos, a informação recebida e discurso circulante nesses espaços é controlado por administradores aparentemente inseridos em um esquema profissional de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALTVATER, E. A crise de 1929 e o debate marxista sobre a teoria da crise. In: HOBBSAWM, E. **História do Marxismo**. vol. VIII. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. pp. 79-133
- BASTOS, M. D; FIGUEIREDO, C.; SCHNEIDER, M. Comunicação, desinformação e crise do capitalismo. In: PRATA, N.; JACONI, S.; GABRIOTI, R.; NASCIMENTO, G.; ANDRÉ, H.; MATOS, S. S. (orgs). **Comunicação e ciência: reflexões sobre a desinformação**. São Paulo: INTERCOM, 2022.
- BOLAÑO, C. **Indústria Cultural, Informação e Capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Pólis, 2000.
- CHOMSKY, N.; HERMAN, E. **Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media**. New York: Pantheon Books, 2002.
- ENGELS, F. Comentários sobre a contribuição à crítica da economia política, de Karl Marx. In: MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 269-285.
- FECHINE, Y., DEMURU, P. **Um bufão no poder**. Ensaios Sociosemióticos. Confraria do Vento: Rio de Janeiro, 2022.
- FINCHELSTEIN, Federico. **A brief history of fascist lies**. Berkeley: University of California Press, 2022.
- FIGUEIREDO, C.; BOLAÑO, C. Social Media and Algorithms: Configurations of the Lifeworld Colonization by New Media. **International Review of Information Ethics**, v. 26, p. 12, 2017.

FIGUEIREDO, C. From Tactical Media to Coded Activism: Techno-determinism and Strategic Fails in Media Uses by Brazilian Progressive Social Movements in Bolsonaro's Electoral Victory. **Democratic Communiqué**, v. 28, n. 2, p. 66-82, 2019.

FIGUEIREDO, C. **Ativismo codificado**: protestos em rede e movimentos sociais na era das plataformas digitais. Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 142, p. 127- 142, 2019.

FIGUEIREDO, C. As consequências de uma escolha difícil: jornalismo em tempos de bolsonarismo. **Portal Eptic**. 21 fev 2020. Disponível em: <https://eptic.com.br/as-consequencias-de-uma-escolha-dificil-jornalismo-em-tempos-de-bolsonarismo/>

GRAMSCI, A. **Cadernos do Carcere**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

KONDER, L. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEIA a íntegra do pronunciamento de Mourão. **Poder360**. 31 dez 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-pronunciamento-de-mourao/> Acesso em 11 ago 2023.

MASCARO, A. L. **Estado e Forma Política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Teorias da Mais-Valia**. Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, K. **O Dezoito de Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

OYAMA, T. **Tormenta**: o governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. Companhia das Letras, 2020.

PANHO, I. A.; BASTOS, M. D.; SILVA, G. F.. O uso do WhatsApp nas eleições de 2018 e as lacunas teóricas da Justiça Eleitoral. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 8, n. 18, p. 173-197, 2020.

SADER, E.. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**: Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises**. O liberalismo e a nova direita no Brasil. São Paulo: Todavia, 2021.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra pela Eternidade**. O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

USCINSKI, J. E.; ENDERS, A. M. **Conspiracy theories: A primer**. Rowman & Littlefield, 2023.

VAN DIJK, T.A. **Ideologia**: una aproximación multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 1999.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, Notícia e Ideologia**. Estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campos das Letras, 2005.

ZAVERUCHA, Jorge. **Frágil Democracia**: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998). Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.